

miriamleitao@oglobo.com.br

MÍRIAM LEITÃO



O índice de inflação tem estado muito acima do que deveria estar sem que haja qualquer crise que explique o desempenho

Velha senhora

A inflação permanece rondando a economia brasileira. Alta demais, por tempo demais. No governo Dilma, esta é a 13ª vez que o IPCA fica acima do teto da meta. A alta de setembro, de 0,57%, foi puxada por alimentos que, depois de três meses de tranquilidade, voltaram a pressionar. Reduzem-se as chances de que o ano termine com a inflação abaixo do limite máximo da meta.

As previsões de bancos e consultorias eram de um número menor para setembro. O professor Luiz Roberto Cunha, da PUC-Rio, esperava alta de 0,48%, em linha com projeções de outros especialistas, mas sabia, de véspera, que os vilões seriam as categorias “Alimentação e Bebidas” e “Transportes”. Esta última acelerou de 0,33%, em agosto, para 0,63%, em setembro, com as passagens aéreas decolando 17,85%. O primeiro grupo, de alimentos e bebidas, subiu 0,78%, principalmente pelo aumento da carne, que apenas em setembro encaixou 3,17%. Vai acumular alta de 20%

no ano, de acordo com Cunha.

O próximo presidente do Brasil, não importando quem vença, vai receber o IPCA no teto. Em outubro, a taxa deve ficar, segundo Cunha, em 0,50%, um pouquinho menos do que o mesmo mês do ano passado. Mas em novembro, após as eleições, o governo deve reajustar a gasolina. O ministro Guido Mantega já disse que o combustível subirá. Isso pode fazer com que o índice de novembro supere 0,80%, levando a novo estouro da meta. Em dezembro, a taxa mensal vai ficar menor do que a do ano passado, que foi de 0,92%. Mesmo assim, o risco de não terminar o ano em 6,5% ou menos é grande.

Há um simbolismo no sistema de metas de inflação: acima de 6,5%, o Banco Central tem que escrever uma carta pública justificando o resultado. Mas, com carta ou sem carta, o fato é que o índice tem estado muito acima do que deveria estar sem que haja qualquer crise que explique o desempenho. O Brasil não está crescendo, não há um choque em área alguma. Mesmo alimentos, que subiram agora, não repetiram este ano a disparada do começo de 2013, quando o acumulado em 12 meses neste item ficou todo o primeiro semestre em torno de 14%, o que, para muitos analistas, foi um dos

Os pontos-chave

1

Aumentou o risco de estouro do teto da meta no ano se houver reajuste nos preços da gasolina

2

No governo Dilma, até agora, setembro foi o 13º mês em que o índice ficou acima do limite de 6,5%

3

Próximo governo, ganhe quem ganhar, receberá uma herança pesada: a inflação no limite

estopins dos movimentos de rua de junho.

Este ano, as grandes safras americanas de milho, trigo e soja reduziram a cotação de vários alimentos. Cereais e feijões vão ficar negativos, ou seja, ajudam o índice. Óleo de soja também terá queda. Água e esgoto — com a decisão estranha do governo de São Paulo de dar desconto para quem consome menos, mas não punir quem consumiu mais —, vai entrar também ajudando a reduzir a taxa.

Com toda essa ajuda e a economia estagnada, se o índice tiver resultados próximos de 0,65% nos dois últimos meses de 2014, calcula Luiz Roberto Cunha, o ano termina com a inflação no teto. “Ou seja, o próximo governo vai ter muito trabalho com a inflação”, avisa o professor.

Alguns preços estão com alta forte em 2014 ou há vários anos. No setor de serviços, a carestia fica sempre em 8% ou mais. Energia teve queda de 15% em 2013 e vai fechar 2014 com alta de 15%. A carne bovina terminará o ano com um aumento de 20%. Um dos componentes do IPCA que tende a ficar sempre elevado é o salário de empregados domésticos. Desde 2005, sobe acima de 10%. Este ano, a alta será de 11%, mas isso faz parte da valorização do trabalhador. Não terá reversão.

Sempre haverá aumentos por razões estruturais ou conjunturais de alguns grupos de preços. Por isso, a taxa precisa ficar perto do centro da meta para acomodar as maiores variações. Quando o governo deixa a inflação próxima ao teto, qualquer evento, como foi a alta da carne em setembro, faz o índice estourar o limite.

Com Alvaro Gribel (De São Paulo)
oglobo.com.br/economia/miriamleitao

RETOMADA DO CRESCIMENTO

ES: maior produção industrial em um ano

FERNANDO MADEIRA/ARQUIVO

Após quedas, indústria do Estado cresce 3,2% em agosto e 13% ante mesmo mês de 2013

BEATRIZ SEIXAS
bseixas@reddegazeta.com.br

Depois de amargar um fraco desempenho, especialmente nos primeiros cinco meses deste ano, a indústria capixaba começa a dar sinais de recuperação e indica que, até o final de 2014, os índices só tendem a melhorar. O otimismo é reflexo dos dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a produção industrial.

Segundo a instituição, na comparação de agosto com julho, o ritmo da produção industrial avançou 3,2%, percentual que colocou o Espírito Santo na terceira posição no ranking dos estados com os melhores resultados. Ele ficou atrás apenas do Rio Grande do Sul, com 4,2%, e Goiás, com 3,3%, na análise de um mês para o outro, sendo a média nacional de 0,7%.

Já quando o confronto é entre a produção de agosto de 2014 com o mesmo período de 2013, o Espírito Santo é disparado o que apresentou os melhores números, com crescimento de 13,7%, mais que o dobro do segundo colocado, o Paraná, que avançou 6%. Já a média brasileira teve uma queda de 5,4%, movimento que foi acompanhado por 11 das 15 regiões pesquisadas nesta comparação.

O comportamento positivo é, na avaliação do presidente licenciado da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Fines), Marcos Guerra, fruto da inauguração de grandes plantas no Estado. “Realmente, no início do ano, a indústria apresentou um pior desempenho e, em parte, por conta da dependência que tem do mercado internacional. Mas, também estávamos otimistas para as inaugurações que estavam previstas, como a Quarta Usina da Samarco, a Oitava Usina da Vale, o Estaleiro Jurong, a Bertolini, a retomada do al-



Inauguração da Quarta Usina da Samarco ajudou a indústria capixaba crescer

to forno da Arcelor, a duplicação operacional da Weg, além de outras plantas menores, que também tiveram suas produções ampliadas e contribuíram para apresentarmos resultados acima da média nacional”.

Guerra também atribuiu o avanço mais intenso ao bom desempenho do setor extrativo, em especial às produções de petróleo e minério de fer-

CONTRIBUIÇÃO

“A inauguração de grandes plantas e a extração mineral contribuíram para os resultados do Estado superarem a média nacional”

MARCOS GUERRA
PRESIDENTE DA FINDES

ro. Já a indústria de transformação ainda não se recuperou plenamente, e continua com números negativos (-3,7%) no acumulado do ano. “Mas, acredito que até o final do ano a gente feche positivo, com um crescimento de 1,7% a 1,8%. E, na produção industrial geral, podemos chegar com o maior crescimento do país”, avalia Guerra.

OS NÚMEROS

Produção Industrial

ES acima da média
A produção industrial cresceu em dez dos 14 locais pesquisados pelo IBGE na passagem de julho para agosto. Os maiores avanços foram do Rio Grande do Sul (4,2%), Goiás (3,3%) e Espírito Santo (3,2%). A média nacional foi de 0,7%. No acumulado do ano, o Espírito Santo cresceu 1,6%.

Comparação anual

Brasil no negativo
Na comparação com agosto de 2013, o setor industrial teve queda de 5,4% na produção. Esse movimento foi acompanhado por 11 das 15 regiões pesquisadas. O recuo mais intenso foi do Paraná (-10,3%), devido à produção de veículos automotores e de produtos alimentícios. Já o Espírito Santo (13,7%) teve o maior avanço, impulsionado pelo comportamento positivo do setor extrativo.